

MOORE. Michael G.; KEARSLEY, Greg. *Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line*. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

Sônia Cristina Vermelho¹

A temática da educação a distância nesta última década tem gerado um volume de publicações bastante significativo, tanto no formato de livros quanto de artigos. No Brasil tivemos alguns autores que se tornaram referência em alguns momentos. Com isso, definir um livro para ser resenhado para uma revista é (quase) um compromisso de propor uma leitura de algum autor com alguma contribuição além daquelas já consolidadas na área. O livro “Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line” é uma produção de um dos precursores da EAD nos EUA. O autor, Michael Moore graduou-se em Economia pela *London School of Economics* (1959) e na *University of Wisconsin-Madison* fez seu Ph.D (1973). Atuou com educação a distância em vários continentes desde a década de 1970, inclusive na primeira experiência de EAD na África (1963-1967) com o uso do rádio e de correspondência. Mas apesar dessas experiências precursoras, nunca deixou de atualizar-se com as novas tecnologias que foram trazidas para a EAD, bem como com a teorização sobre essas novas práticas. Por isso, a escolha pelo livro e pelo autor deveu-se fundamentalmente pela contribuição e trajetória deste autor para a consolidação da área.

Esta obra está na sua terceira edição (2005, 2012, 2013) e organiza-se em 12 capítulos. Pela densidade e amplitude do conteúdo, reorganizamos os capítulos em três grandes eixos: aspectos teóricos da EAD, a prática da EAD e as perspectivas futuras. Além desses eixos, há um grande volume de conteúdos históricos com foco nas principais experiências mundiais, e um panorama do alcance da EAD no mundo na atualidade, com dados dos países que mantêm programas amplos e vinculados aos governos.

DOI: 10.1590/0104-4060.38941

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro. Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde - Centro de Ciências da Saúde. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Av. Carlos Chagas Filho, 373, Ilha do Fundão, Bloco A, Sala 26. CEP: 21949-902.

Teoria em EAD

O levantamento apresentado localiza que a teorização sobre EAD surgiu nos anos de 1970, num movimento dos pesquisadores que atuavam com essa modalidade de ensino. Até então as instituições que ofertavam essa modalidade o faziam de acordo com a configuração e necessidades locais ou nacionais. Um aspecto considerado para esse fato foi o de que as pesquisas anteriores eram predominantemente descritivas e pouco reflexivas. Foi somente em 1972, durante a Conferência Mundial do Conselho Internacional de Educação por Correspondência – ICCE –, que Michael Moore propôs uma definição para esse tipo de educação. A partir de então, houve um esforço da comunidade acadêmica em estabelecer uma teoria geral da pedagogia da educação a distância. Entre as figuras de destaque foram citados: Borje Holmberg, K. H. Rebel, Delling Grall, G. Dohmen e Otto Peters, todos eles com produção apenas em alemão. Destes, Otto Peters escreveu um trabalho original em que associou o modo de operacionalização da EAD e comparou com o modo de produção industrial taylorista/fordista. Este grupo acabou por construir uma abordagem sobre EAD pautada pelo planejamento sistemático, pela especialização, produção em massa de materiais, automação, padronização e controle de qualidade; características trazidas do mundo da indústria. Toda a produção desse grupo só teve maior divulgação fora dos países de língua alemã a partir dos anos de 1980, quando essas obras começaram a ser traduzidas para o inglês.

Numa outra vertente de origem americana cujo principal expoente foi Charles Wedemeyer, foi construída uma abordagem baseada em experiências já de quase um século em território americano. Integrante da Terceira Geração de EAD, Wedemeyer, nos anos de 1970, buscou compreender a educação a distância não pela sua organização, mas sim pela atuação do sujeito aprendiz no processo. Segundo o autor, Wedemeyer (em 1971) tentou “[...] definir o aluno independente como uma pessoa não apenas independente no espaço e no tempo, mas também potencialmente independente no controle e no direcionamento do aprendizado” (p. 294). A grande influência teórica de Wedemeyer para construir esse conceito veio da psicologia de vertente humanística, em particular dos trabalhos de Carl Rogers, Abraham Maslow e Charlotte Buhler. Outras inspirações foram as ideias de Malcolm Knowles sobre Andragogia e do Aprendizado Autodirecionado de Alan Tough.

Essas duas vertentes acabaram por proporcionar as condições para surgir, em final dos anos de 1980, uma Teoria da Interação a Distância para embasar a área. Essa teoria entende que a

[...] distância é um fenômeno pedagógico, e não simplesmente uma questão de distância geográfica. Nesse processo, o aspecto mais importante é o **efeito** que a separação geográfica tem no ensino e na aprendizagem, especialmente na interação entre alunos e professores, sobre a concepção de cursos e sobre a organização dos recursos humanos e tecnológicos (p. 295).

Os autores, nesta obra, adotam o seguinte conceito de EAD:

Educação a distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do ensino, o que requer comunicação por meio de tecnologias e uma organização instrumental especial. (p. 2)

No entanto, além dos dados históricos, o livro ainda traz com detalhes informações sobre outros grupos que também contribuíram para a consolidação das teorias em EAD. A abordagem histórica e conceitual do livro nos possibilita compreender a articulação entre aspectos políticos, tecnológicos e conjunturais presente nessa trajetória. Penso que a grande contribuição da obra neste quesito é possibilitar ao leitor a compreensão do papel fundamental que os vários atores e instituições tiveram em sua época e a localização das influências teóricas que tivemos no Brasil ao longo das últimas décadas.

Também é importante assinalar que a obra traz um capítulo específico sobre as pesquisas na área, agrupando-as em duas categorias: estudos descritivos e os comparativos. O levantamento apresentado fornece um excelente panorama das principais investigações realizadas desde o início do Século XX até os dias atuais.

Prática em EAD

Os capítulos que tratam da operacionalização da EAD vão desde o tipo de instituição e arranjos institucionais, como os consórcios, cuja experiência brasileira é a Universidade Aberta do Brasil (UAB) das Universidades Federais no Brasil, das redes de instituições, tal como a Rede das Instituições Católicas de Ensino Superior (RICESU) das Pontifícias Universidades Católicas (PUCs). O capítulo sobre as tecnologias apresenta uma conceituação bastante pertinente

e ampla, além de *cases*, opiniões de pesquisadores e exemplos práticos de uso das tecnologias.

Considero que o capítulo sobre o processo de criação e desenvolvimento de cursos seja o mais completo e importante. O autor apresenta os dois grandes modelos existentes que orientam o processo de criação de cursos a distância: o ISD (Instructional System Design) e o ADDIE (Analysis, Design, Development, Implement, Evaluation).

Para cada uma das etapas de criação e desenvolvimento de cursos, o autor traz a fundamentação teórica, as atividades, a equipe e ainda tece considerações sobre a escolha das alternativas. Com isso, acaba por ser uma referência a ser considerada para profissionais em vários estágios de experiência e âmbitos de atuação. Além de um texto de orientação, o autor defende alguns princípios que devem ser preservados, independentemente das tecnologias e mídias empregadas, quais sejam: 1) Boa estrutura, o que significa que o curso deve ter seus componentes bem definidos e compreensíveis de forma que os alunos saibam o que têm de aprender, o que se espera deles e quando terão atingido a meta. O curso deve ter ainda: 2) Objetivos claros, Unidades pequenas e Modularidade, para que o conteúdo possa ser compreendido e que possa ser adaptado para os interesses e situações dos alunos; 3) Participação planejada – sobre esta última vale a pena um comentário, pois o autor alerta para um dos grandes problemas que acontecem com cursos a distância: de supor que os alunos participarão pelo simples fato de serem alunos de EAD. O autor considera que a participação e a interação só acontecem com planejamento e muita estruturação. Além desses princípios, indica ainda: 4) Integralidade, sendo que os materiais e as mídias devem estar articulados com questões que permitam uma inter-relação entre eles; 5) Repetição, Simulação e Variedade, ou seja, elementos do conteúdo que necessitam ser compreendidos com profundidade podem e devem ser repetidos em várias mídias, apresentados em vários materiais; 6) Síntese, como atividade corriqueira para que os alunos possam construir as relações entre os conteúdos e apreendê-los de maneira mais sólida e, por último, 7) Feedback e avaliação.

Além desses aspectos básicos, o livro ainda discute de maneira intensa a diferença entre o ensino presencial e o a distância tanto no que diz respeito à função do instrutor/professor, quanto do aluno. Contudo, a atualidade da obra nos surpreende ao buscar refletir sobre as características dos jovens das gerações XYZ em termos da relação que eles estabelecem com a informação a partir da experiência que possuem com a internet, com os aparelhos móveis, do tipo smartphones e tablets. Neste quesito, o livro auxilia enormemente as equipes de desenvolvimento e de gestão com subsídios teóricos para lidar com os aspectos subjetivos do processo educacional da modalidade com uma atualidade surpreendente.

E por fim, quanto à prática da EAD, a obra possui um capítulo voltado para quem está na administração e na gestão da EAD com *cases* que servem como orientadores para as instituições e profissionais.

Panorama atual e perspectivas futuras

Certamente a vivência do autor, ao longo das décadas, possibilitou uma abordagem suficientemente abrangente, mas altamente elucidativa em relação à interface entre os organismos internacionais, as instituições e os contextos econômicos dos países e mesmo de regiões. Com isso, é possível identificar o que realmente move grandes investimentos nesta modalidade de educação, que se vincula ora a questões de transferência de tecnologia, ora à própria ocupação e distribuição da população pelo território, ora por interesses econômicos. Além de dados atuais, estes capítulos apresentam a história do desenvolvimento dessa modalidade em vários países, a estrutura adotada e a indicação de outras fontes de informações para quem quer aprofundar a pesquisa. O Brasil aparece nesta lista com uma experiência considerada muito exitosa: o programa PROFORMAÇÃO (Programa de Formação de Professores em Exercício), que funcionou de 1999 a 2004. Além dos países, apresenta ainda a experiência de alguns consórcios e sistemas virtuais que foram criados com grupos de países.

E, finalmente, a obra faz uma reflexão em termos do significado e do papel da EAD na atualidade. Segundo o autor: “A educação deixou de ser um processo de aquisição de conhecimento como preparação para a vida e tornou-se um processo de inicialmente preparar e então ‘reparar’ o conhecimento ao longo da vida” (p. 390).

Esta reflexão nos instiga a pensar várias questões em relação à EAD, mas também em relação ao papel da educação de uma maneira geral na sociedade atual. Lidamos com questões objetivas: processo de envelhecimento da população mundial, aumento vertiginoso da quantidade de conhecimento gerado anualmente, escassez de textos impressos (hoje menos de 0,003% das informações estão registradas nesta mídia), necessidade de democratização dos dados, criar as condições para a empregabilidade num mercado que flui de uma necessidade a outra com uma rapidez que os sistemas de ensino não conseguem atender, e assim por diante.

E diante deste contexto, o autor aborda temáticas para os profissionais da área, como o fato de que se permitirmos que as necessidades da economia prevaleçam nas escolhas e nas práticas educacionais da EAD, as soluções

de mercado constituir-se-ão a regra. Nesta perspectiva, o que florescerá é o consumismo educacional e o crescimento meramente quantitativo. A EAD já alcançou uma qualidade e uma densidade teórica que a coloca como uma alternativa que vai além da objetividade profissionalizante. Podemos ter uma educação a distância reflexiva, efetivamente formativa. Mas como o próprio autor alerta, é fundamental cuidarmos dos conceitos que utilizamos para não cairmos na ilusão dos modismos conceituais somente para causar impressão. Também nos desafia em relação à nossa formação como profissionais da área, quanto ao nosso compromisso para a consolidação, mas também nos coloca na posição de sujeitos ativos, capazes de promover a transformação que a educação a distancia pode trazer para a educação como um todo.

Considero uma obra de referência para ser lida, relida, discutida, criticada e ampliada.

Texto recebido em 12 de dezembro de 2014.

Texto aprovado em 16 de dezembro de 2014.